



UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

THAIS MENDONÇA DE CARVALHO

**PARENTALIDADE NA ESCOLA: A PERCEPÇÃO MATERNA DAS
CRIANÇAS EM RELAÇÃO À EDUCAÇÃO**

RIO DE JANEIRO

2022

THAIS MENDONÇA DE CARVALHO

**PARENTALIDADE NA ESCOLA: A PERCEPÇÃO MATERNA DAS
CRIANÇAS EM RELAÇÃO À EDUCAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio
de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do
título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Baroni

RIO DE JANEIRO

2022

THAIS MENDONÇA DE CARVALHO

**PARENTALIDADE NA ESCOLA: A PERCEPÇÃO MATERNA DAS CRIANÇAS
EM RELAÇÃO À EDUCAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Rio de Janeiro, 16 de Dezembro de 2022.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Patrícia Baroni
FE/UFRJ

Profa. Dra. Elaine Constant
FE/UFRJ

Profa. Dra. Irene Giambiagi
FE/UFRJ

Dedico este documento a todas as mulheres que carregam diariamente a pressão da sociedade, sendo elas mães ou não. Que elas possam transformar toda a culpa que sentem em orgulho de si mesmas pela força que elas têm todos os dias, por elas e por seus filhos.

NINGUÉM CAMINHA SOZINHO

Antes mesmo de começar esses agradecimentos eu já me encontrava com os olhos marejados. Que difícil foi chegar até aqui. Quantas lágrimas acabaram por escapar do limite dos cílios e percorrer um rosto inteiro ao longo dessa caminhada. Mas em compensação, quanta gente incrível eu percebi que tenho ao meu lado.

Digo com convicção que se essa monografia está pronta hoje é graças a todos aqueles que não largaram a minha mão. Esse documento aqui representa mais do que alguns meses de escrita e dedicação, ele representa toda uma força extra que tive de pessoas que não me deixaram desistir.

Primeiramente, agradeço à minha orientadora, Patrícia Baroni por ter sido a primeira pessoa que acreditou em mim. A senhora foi para mim tudo aquilo que um dia quero ser, como professora, para os meus alunos.

Agradeço também a todas as famílias que se disponibilizaram a conversar comigo e compartilhar um pouco de suas histórias. Obrigada por, junto comigo, serem autores da minha monografia.

Agradeço à Isabella, minha melhor amiga, que durante todo o processo de escrita foi quem me ouviu falar e chorar por horas. Foi com ela que compartilhei esse documento e pedi que lesse incontáveis vezes. E também é, graças a ela, que consegui chegar até aqui. Para a minha melhor amiga, fica aqui, o meu muito obrigada!

Agradeço à Layza e À Lohanna que ao longo de toda essa caminhada me fizeram acreditar que tudo daria certo. Entre uma das minhas crises de choro elas me disseram que: “Quando a gente passou por essa fase aí, tivemos pessoas que não nos deixaram desistir. Agora, nós estamos aqui para sermos essas pessoas para você. Ninguém chega a lugar nenhum sozinho e a gente tá com você nessa!”. Elas são duas das minhas grandes inspirações, como pessoa e como profissional. Portanto, ter elas “comigo nessa” fez toda a diferença.

Agradeço à Mariana, que é a pessoa que eu conheci antes mesmo do primeiro dia de faculdade. A Mariana é quem esteve comigo todos os dias, em todos os períodos e em todas as aulas. Para ela ficará eternamente a minha gratidão. Não só por tudo que ela fez por mim, mas por, assim como eu, ter trancado a UERJ e ter vindo para UFRJ no período certo. Pois foi graças a essa mudança de curso e de faculdade que nossos caminhos se cruzaram.

Como eu disse anteriormente, nem tudo é sobre a ajuda na monografia, mas sim no processo e na vida que continua acontecendo fora dessas páginas. Por tanto, agradeço também ao meu melhor amigo, Arthur. Talvez ele nem saiba, mas ele tem sido uma das

minhas maiores fontes de força, compreensão, carinho e aprendizado desde que nos conhecemos, ainda crianças. Obrigada por saber ser, e ser o meu melhor, abraço apertado em silêncio.

Agradeço também à minha amiga Clarisse. Com ela por perto a vida é mais feliz, as risadas são mais gostosas e os momentos mais fáceis de lidar. Ter você do meu lado faz a vida ser muito mais prazerosa de viver.

Agradeço aos meus pais. Minhas maiores fontes de amor. Se eu estou aqui hoje é porque essas pessoas nunca desistiram de me apoiar. Obrigada pai, por ter sido a sua própria versão de herói. Entre erros e acertos você foi e é a minha versão preferida! Obrigada mãe, por ser a minha melhor amiga e a pessoa que mais me ama no mundo. Sei que você faz o impossível por mim e eu tenho um orgulho ainda maior de você por isso! A vocês fica aqui mais do que o meu agradecimento, mas sim o meu coração com todo o amor que existe dentro dele.

Agradeço ao meu irmão, que é a minha pessoa favorita no mundo! Sem ele eu não teria o meu melhor espelho. Suas palavras sempre serão as mais valiosas. Portanto, obrigada por me ouvir e aconselhar. Minha vida tem muito mais graça por eu ter nascido sua irmã.

Por último, agradeço ao meu avô. Que infelizmente não pode viver esse momento comigo. Ele fez parte de todo o meu processo, não o de escrita, mas o de me tornar a pessoa que sou hoje. Aprender com ele foi um dos maiores privilégios que pude ter. Obrigada por ter me deixado ser sua neta e por ter sido o motivo dos meus melhores sorrisos.

Acho que posso finalizar esses agradecimentos dizendo que: A gente conseguiu! Sim, a gente, pois sem vocês isso aqui não teria saído nem da página um. Termino esses agradecimentos certa de que estou cercada por pessoas maravilhosas e, principalmente, por mulheres/mães incríveis. A força de todas vocês me inspira a ser mais forte e seguir em frente todos os dias.

No fim, termino com a certeza de que sou grata, acima de tudo, pela vida de cada um de vocês!

CARVALHO, Thais Mendonça de. **Parentalidade na escola: a percepção materna das crianças em relação à educação.** Monografia (Licenciatura em Pedagogia). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

RESUMO

O presente documento busca dar voz às famílias sobre suas percepções e vivências quanto a participação dos responsáveis na vida escolar dos seus filhos. A partir de conversas tecidas sobre o tema, poderemos analisar o que tais pessoas têm a dizer e como tal dinâmica funciona em suas casas. Junto a isso, analisaremos a forma como os filhos veem seus pais e o sentimento de culpa que acaba por recair sobre a mulher/mãe. Dentro dessa obra, encontraremos também uma vertente voltada à essa figura da mulher e à culpa que a mesma carrega nos dias atuais. Trazendo, assim, temas como a romantização da maternidade e a maternidade compulsória.

Palavras-chave: família, escola, mulher, culpabilização

ABSTRACT

This work aims to give voice to families regarding their perceptions and experiences on parents' participation in their children's school life. From conversations and interviews on the theme, we will analyze what these groups of people have to say about the ins and outs of these dynamics in their respective households. Additionally, we will analyze the children's perception of their parents [in their school life], along with the feeling of guilt that ends up falling on women's/mothers' shoulders. In the present work, we also aim to branch the discussion focusing on women and the guilt they carry; covering themes like romanticization of maternity and compulsory maternity.

Key-words: family, school, woman, guilt

SUMÁRIO

Carta para meus pais	10
INTRODUÇÃO.....	12
1. E SE TUDO PARTISSE DE UMA CONVERSA?	16
2. CONVERSANDO COM QUEM ENTENDE DO ASSUNTO	19
2.1 Relação família e educação	19
2.2 Família e divisão de tarefas	21
2.3 O papel da mulher para a sociedade	22
3. FILHO (É) DA MÃE!	26
3.1 Conversa com a família 1: Ser mãe é um emprego que não te dá férias	26
3.2 Conversa com a família 2: “Esse foi o melhor que eu pude oferecer”.....	29
3.3 Conversa com a família 3: “Sou mãe 24h”.....	31
3.4 Conversa com a família 4: Lágrimas de culpa ou de vergonha?	33
4. O PESO DE SER MULHER JUNTAMENTE AO DE SER MÃE	36
5. O PRESENTE DE TER UMA MÃE QUE SE FAZ PRESENTE	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42

Carta para meus pais

Rio de Janeiro, 22 de Abril de 2022

Querida mãe e pai,

Venho por meio desta carta contar um pouco da minha história e de tudo que me trouxe até esse momento aqui, onde estou escrevendo. Começo convidando vocês, pais, a refletirem sobre até que ponto a ausência pode trazer sequelas para quem a sente. Será que o desinteresse pode ser associado ao “abandono” nos olhos de uma criança? Como é se ver sozinho quando tudo que você mais queria era alguém cuidando de ti?

A pessoa que está aqui escrevendo sempre foi uma menina emotiva ao extremo, intensa além da conta e atriz nas horas vagas. Acredito que com o passar dos anos a vida tenha me ensinado um pouco a viver fora dos holofotes que por tanto tempo tentei estar debaixo. É muito difícil aos 22 anos não julgar os pensamentos que o meu eu de menina tinha quando me sentia “deixada de lado”. Entretanto, não consigo ignorar tudo que pensei e senti quando eu ainda era pequena demais e passei pelas situações de frustração ou desapontamento quando o assunto era relacionado a minha vida escolar.

Desde muito nova eu e meu irmão tivemos que aprender a lidar com uma certa distância, pois o trabalho de vocês impedia que estivéssemos sempre juntos. Infelizmente com o passar dos anos o emprego foi servindo de desculpa para a falta de tempo. E foi por conta disso que acabou se resultando em diversos momentos onde me sentia só e sem ter ninguém que se preocupasse comigo. A falta maior sempre se deu no ambiente escolar, enquanto meus amigos eram deixados e buscados na escola por seus responsáveis, vocês nunca tiveram tempo para tal atitude. Reuniões de pais quase nunca podiam contar com as suas presenças, sendo muitas vezes usado como desculpa o fato de que sabiam que eu era uma boa aluna e que eu tinha notas boas. No começo a falta de atenção era com ambos os filhos, mas com o passar do tempo, pude perceber que ações por parte de vocês até existiam, porém eram sempre relacionadas ao meu irmão e as suas questões.

Talvez eu esteja sendo egoísta de pensar dessa forma, mas ver que meu irmão passou a receber atenção e eu não foi muito mais difícil do que quando ambos eram “ignorados”. Tudo isso porque antes eu ainda acreditava na desculpa da falta de tempo. Mas quando se foi possível arrumar espaço na agenda para ele e não para mim tal argumento ficou um tanto quanto questionável. Conforme os anos se passaram fui sendo denominada cada vez mais como “a menina que conseguia se virar sozinha” e por isso não parecia não ser preciso dar tanta atenção para o meu desenvolvimento escolar. Afinal, eu não causava problemas e estava sempre com bons resultados. Em certo momento me dei conta de que o meu irmão recebia mais atenção e tinha mais de vocês dentro da escola dele devido às situações em que ele se metia. Nessa fase acreditei que eu precisava ser “a aluna problema”, para que assim eu também pudesse ser vista, mas no fundo isso nunca me pareceu justo.

Eu sempre fui muito dedicada aos meus estudos e me cobrava para ser boa ao ponto de trazer orgulho a todos. Nas vezes que tive meu nome entre os melhores alunos ou boletins repletos de notas altas, esperei ansiosa para ver se finalmente conseguiria deixar vocês orgulhosos, mas tudo o que eu ouvia era “eu já sabia que você ia conseguir”. Infelizmente, esse não era o parabéns que o meu coração queria receber. Eu nunca quis ser a melhor para as pessoas de fora, não eram elas que eu queria fazer feliz. Isso sempre foi uma meta criada, por mim, para deixar os meus pais orgulhosos. Por mais jovem que eu fosse, eu sempre soube o quanto a vida de vocês era corrida e cansativa. Sei que trabalhar fora era para nos proporcionar tudo de melhor que sempre tivemos. E era em forma de agradecimento que eu buscava dar orgulho para vocês. Nunca foi para ser melhor que ninguém, a intenção era mostrar que o esforço de vocês em nos criar estava tendo resultado, eu era uma boa aluna. Acreditava que o meu bom desempenho era um reflexo do que vocês nos proporcionaram.

Conforme eu fui crescendo o que começou a me incomodar mais foi o fato de que na minha frente o meu desenvolvimento escolar, meus resultados e as coisas boas que eu fazia dentro da escola não eram reconhecidas. Entretanto, quando estávamos em rodas de família ou entre amigos, era sempre enaltecido o quão estudiosa e inteligente eu era. Mas não era esse o tipo de reconhecimento que eu queria por parte de vocês, eu não queria ser o centro das atenções para pessoas de fora, eu queria que vocês, meus pais, me vissem. Queria que vocês se importassem

e se fizessem mais presentes. A escolha de fazer uma faculdade pública foi sim para realizar um sonho meu. Mas pai, você também fez faculdade pública, né? Pois então, confesso que uma parte minha queria conseguir alcançar essa conquista para ser tão incrível quanto você, quanto eu te vejo.

Vocês sempre me encheram de orgulho e eu queria poder devolver da mesma forma. Queria poder ver os olhos de vocês brilharem com as minhas conquistas assim como os meus brilham e se enchem d'água ao vivenciar as de vocês. Se por um único dia nossos papéis se trocassem eu faria questão de que soubessem o quanto me importo e que tudo aquilo que vocês plantam trarão frutos lindos no futuro. Diria que o mundo é de vocês e que eu estarei aqui para tudo, que suas conquistas merecem ser comemoradas, mas caso o um dia venha um resultado ruim tudo ficará bem, pois passaremos por isso juntos. É sobre não deixar vocês se sentirem sozinhos, pois antes de qualquer coisa sempre seremos a base uns dos outros.

Hoje, depois de viver tudo isso aí, estou aqui escrevendo a minha monografia. Nela vou falar um pouco sobre essa tal importância da participação da família na vida escolar dos filhos. Não escolhi esse tema para enfrentar vocês ou por guardar algum certo tipo de rancor. Escrevo sobre o tema para que, de alguma forma, eu possa ajudar alguém que esteja disposto ou interessado a ler sobre o assunto. Para que um pai ou uma mãe consiga ver, através da minha escrita, a influência que eles têm na vida de seus filhos. Escrevo sobre isso para que no futuro eu tente ser como mãe aquilo que desejei ter como filha.

A vocês ficará para sempre o meu muito obrigada. Se não fosse por tudo que passei, hoje eu não teria chegado até aqui para pesquisar e escrever sobre isso que acredito ser tão importante. Foi a partir da nossa história que estou tentando ajudar a mudar a de outras crianças. Sou grata a vocês por tudo que me fez chegar até aqui e confesso que ficaria feliz se essa monografia se tornasse motivo de orgulho um dia.

*Com amor da sua filha,
Thais Carvalho*

INTRODUÇÃO

O quão participativo os seus pais foram na sua vida escolar? O quanto você busca ser na vida dos seus filhos?

Durante muito tempo acreditei estar sozinha. Grandes ou até mesmo pequenas conquistas que deveriam ter sido comemoradas foram deixadas de lado ou pouco vibradas. Durante muito tempo achei que o que eu tive foi pouco. Que faltou atenção, faltou cuidado. Durante muito tempo culpei aqueles que talvez achassem que estavam dando o seu melhor. Não os deixei explicar como se sentiam ou até mesmo os disse o que se passava aqui dentro de mim. Faltou diálogo, faltou sinceridade e talvez tenha faltado tempo.

Essa monografia não traz apenas uma pesquisa, mas também uma possível libertação. Depois de anos, me encontro aqui, me livrando de pesos que carreguei durante toda uma vida em silêncio.

Começo dizendo que tudo o que foi escrito na carta acima não é uma forma de reclamação ou protesto. Gostaria de ver como uma proposta de reflexão para quem se propor a ler. É apenas se dar um tempo para pensar em uma criança pequena e tudo que a mesma demanda. Essa idade traz consigo uma energia incontrolável, uma curiosidade gigantesca e uma empolgação com a vida bonita de se ver. Lembra quando a sua criança chegava com uma novidade para contar ou mostrar? Como eram as suas reações nesses momentos? Você conseguiu parar um pouco a “vida adulta” para dar atenção?

Ao refletir sobre essas perguntas me coloco no lugar não só de entrevistadora e pesquisadora, mas também de filha ouvindo filhos e suas mães, também por não ser capaz de as responder, ainda, como uma mãe/responsável. Dessa forma, podemos ter uma visão mais completa sobre a parentalidade e as famílias no cotidiano escolar. Hoje, um pouco mais velha, acredito que ter ouvido os meus próprios pais poderia ter esclarecido algumas dúvidas e incertezas presentes dentro de mim durante a minha vida escolar. Talvez, se a conversa tivesse se feito presente, a participação da minha família teria sido reforçada e acontecido de outra maneira.

Acredito que cabe dizer aqui que hoje sou uma mulher de 22 anos e que muitos dos meus anseios da infância foram sendo sanados com o tempo e com a

maturidade. Entretanto, não posso minimizar as dores e ausências que o meu eu de menina sentiu ao passar pela sensação da falta.

Experimentei a ausência familiar dentro da escola e acreditei ser a única a passar por isso. Anos depois, na posição de professora, pude ver que outras crianças passam pela mesma situação, mas que isso pode se dar e até mesmo afetá-las de formas distintas.

Até aqui pude viver a perspectiva da aluna que quis ter a família por perto, mas não teve. E da professora que enxerga a falta que a presença dessa família pode fazer para o desenvolvimento dessa criança. Todavia, não sou mãe, e por isso não conheço o lado dessa terceira figura importante que será citada diversas vezes ao longo desta escrita.

O tema tem como propósito buscar entender se essa participação, ou falta dela, na vida escolar dos filhos pode trazer consequências e quais seriam elas. Junto a isso busco olhar para as diversas formas de se fazer presente durante o desenvolvimento da criança na fase escolar. Pretendendo assim, partir da narrativa (auto)biográfica para abordar a potência da rede de conversações nos processos formativos e tecer tais redes de conversações com diferentes praticantes acerca dos processos educativos que se dão no âmbito das escolas.

Ao longo desta escrita iremos encontrar o que alunos e seus responsáveis pensam sobre o mesmo assunto. Será possível ver que tem quem ache que a família faltou de alguma forma e quem ache que a família acabou por cobrar demais. Ouviremos ambos os lados e encontraremos as mais diversas narrativas.

Sem amarras ou conclusões precipitadas buscarei ouvir e dar voz a pessoas que tem muito a falar e por tempo se calaram, assim como eu. Sem certo ou errado as deixarei livres para expressarem aquilo que sentiram e sentem a respeito do tópico, assim como fiz na carta aos meus pais. Sem saber no que tudo isso vai dar, embarcarei nessa pesquisa que toca em feridas da minha infância e que pode vir a esclarecer questões que trago desde então.

A temática surgiu após reflexões sobre a minha narrativa de vida, mas foi tomando proporções ainda maiores quando percebi que poderia ser uma questão presente na trajetória de outras pessoas. O que começou dentro da minha bolha acabou por ganhar dimensão e me fazer ver tudo isso de diversos pontos de vista diferentes.

Ao decorrer da pesquisa me deparei com novos obstáculos e caminhos. Muito do que acreditei que iria encontrar acabou por ter outros resultados e gerar novas reflexões. Ir a campo mostrou a importância de ouvir e falar com diferentes grupos. A partir dessas conversas pude ver que muitas críticas e sentimentos parecidos têm sido apontados de maneira similar ao falarmos com famílias sobre o tema educação e escola. Assuntos importantes como o papel da mulher acabaram por ganhar destaque e se tornar o grande norteador dessa escrita.

No primeiro capítulo, intitulado *E se tudo partisse de uma conversa?*, apresentarei os caminhos metodológicos da pesquisa, pautada no modelo de conversação, muito discutido pelo autor Tiago Ribeiro (2018), onde o mesmo utiliza o diálogo para abordar assuntos importantes e que muitas vezes podem ser de difícil abertura para certas pessoas. Também usarei como base o estudo dos autores Carlos Eduardo Ferraz (2003), Inês Bragança (2020) e Juliana Vieira (2020). Ao escolher o método de conversação, busco facilitar para mim e principalmente para as pessoas com quem terei esses diálogos, tornando assim o desenvolvimento desse assunto algo mais leve e fluido para todos os envolvidos.

Em seguida, no capítulo 2, intitulado *Conversando com quem entende do assunto*, farei uma conversa com os autores Caporal (2019), César, Loures e Andrade (2019), Costa e Ambrosio (2010), França e Schimanski (2009), Gauvin e Huard (1999), Henderson e Mapp (2002), Mello (2017), Stright e Bales (2003), Szymanski (2003) e Wagner, Predebon, Mosmann & Verza (2005), onde irei apresentar falas e percepções desses grandes pensadores que estão diretamente ligadas ao meu tema de pesquisa. Buscando aprofundar-me ainda mais dentro do tópico e trazendo a reflexão, para vocês, leitores, a respeito do assunto e de como o mesmo se fez ou ainda se faz presente em suas vidas.

No Capítulo 3, *“Filho (é) da mãe!”*, trarei todo o repertório de conversas e narrativas desta pesquisa, realizados a partir do ponto de vista de famílias diferentes. Usarei as conversas para abordar tópicos a respeito da participação dessas famílias na vida escolar dos seus filhos. Para que possamos obter os dois lados dessas histórias, ouviremos os responsáveis e também os alunos, podendo assim entender um pouco melhor como esse assunto atinge a cada um dos envolvidos em questão. Por parte dos responsáveis, buscarei saber como os mesmos acreditam estar se fazendo presente na vida escolar de seus filhos, seja indo a atividades escolares ou se interessando pelas conquistas e realizações

desses sujeitos. Em contrapartida, por parte dos alunos, buscarei ouvir seus discursos sobre como se dá essa participação de seus pais, como se sentem em relação a isso e como isso os afeta.

Após, no capítulo 4, que nomeei como *O peso de ser mulher juntamente ao de ser mãe*, farei uma reflexão acerca das narrativas apresentadas, buscando analisar o que tem em comum entre os discursos das famílias entrevistadas, onde elas se encontram e onde elas se divergem. A análise será feita, primeiramente, de maneira separada, onde olharei para o discurso de todos os responsáveis, em seguida de todos os alunos e por fim dos grupos familiares completos. Utilizarei também, ilustrações da desenhista Marie Catherine, para melhor explicar as reflexões feitas.

Finalmente, as conclusões da pesquisa serão apresentadas no capítulo 5, *O presente de ter uma mãe que se faz presente*, onde teremos um fechamento a respeito de tudo aquilo que foi ouvido e analisado ao decorrer da pesquisa. Trazendo, não uma solução, mas sim uma proposta de reflexão - possivelmente catártica -, individual do leitor, sobre as questões discutidas em depoimentos presentes em cada uma dessas páginas. Deixando assim, que quem se propôs a ler, reflita sobre o que os seus filhos podem estar sentindo ou o que os seus responsáveis fariam sobre o assunto discutido. Dessa forma, a conclusão será feita através de um fechamento das narrativas ouvidas e um convite e incentivo para a realização de uma conversa entre, você leitor, e as pessoas que complementam o seu ciclo de análise.

Após já ter vivido anos em silêncio a respeito do assunto, convido você, leitor, a embarcar nessa enriquecedora conversa que tive com crianças e responsáveis sobre como toda essa relação família-escola se dá em suas respectivas vidas, a partir dos seus pontos de vista.

1 E SE TUDO PARTISSE DE UMA CONVERSA?

De acordo com Yang (2006), o ato de aquisição de linguagem está presente na vida do ser humano desde a fase intrauterina, começando o processo de comunicação antes mesmo de começar a balbuciar. Com o passar dos anos tal ação vai se aperfeiçoando, até que se torne possível a construção de diálogos com outras pessoas. Muitas vezes, antes mesmo de introduzir uma criança no mundo escolar, ela já possui a habilidade da oratória desenvolvida. A comunicação de forma oral é uma das mais conhecidas e usadas pelas pessoas diariamente.

Dessa forma, buscarei nessa pesquisa, usar o modelo de conversação, muito citado pelo autor Ribeiro (2018), para abordar o tema em questão com as famílias selecionadas. O autor diz que *uma conversa não busca acordos ou desacordos, senão tensões entre duas biografias que se apresentam na hora do encontro*. Com isso, a escolha por esse modelo de conversa se deu devido ao fato de que tenho, como principal prioridade, tornar a abordagem desse assunto algo mais leve e de fácil abertura para os envolvidos. Compartilhar vivências pode ser muito mais desafiador do que se aparenta ser. Ao analisar isso, busquei ir a campo aberta a ouvir e contar um pouco da minha história para aqueles que se juntassem a mim nessa conversa.

Ao escolher o tema da minha pesquisa, percebi que o mesmo muito se aproximava de uma autobiografia. Digo isso, pois as minhas vivências me motivaram e me levaram à escolha deste assunto. Todavia, como citado no texto de Bragança e Vieira (2020):

Embora a opção tenha sido por uma pesquisa (auto)biográfica, o fato é que não se faz pesquisa sozinha, autobiografar-se não é um movimento solo, não é solitário, dizer-se, dizer de si, é dizer com os muitos outros, outros que nos constitui quem somos(...) (BRAGANÇA; VIEIRA, 2020, p. 12)

Nessa fala, as autoras me fazem perceber que por mais que no início da minha escrita eu estivesse sozinha, e falando da minha história, a mesma não seria completa se não tivesse sido atravessada e composta por diversas outras narrativas. Narrativas essas que muito se assemelham a minha e que me fizeram enxergar que ouvir outras histórias e trocar vivências pode ser muito mais rico e esclarecedor do que se tentarmos desvendar tudo por conta própria. Pois como

afirma o autor Ferrazo (2003, p.160) “Apesar de pretendemos, nesses estudos, explicar os ‘outros’, no fundo estamos nos explicando. Buscando nos entender fazendo de conta que estamos entendendo os outros”.

Digo que essa monografia começou a ser escrita a partir do ponto de vista de uma filha, certa de suas convicções, e que com o decorrer da pesquisa e do desenvolvimento da escrita foi se deixando ser afetada por outras percepções. Junto a todo esse processo ainda tive a oportunidade de viver experiências marcantes e transformadoras. De trocar e-mail com a autora de um dos textos usados para construir esse trabalho até encontrar uma ilustradora norte-americana, que em seus desenhos tenha muito a expressar, pela rede social *Instagram*. Trocar mensagens e conversar com todas essas mulheres que irão ser citadas ao decorrer dessas páginas, fez toda a diferença.

Portanto, levando em consideração a dificuldade que encontrei, ao longo da minha infância, em estabelecer uma relação de diálogo com os meus familiares, também optei por essa metodologia por acreditar nos benefícios que a conversa pode causar em uma relação. Ao conversar com cada uma das pessoas envolvidas nessa pesquisa pude perceber a dificuldade que muitos apontaram ter em expor o que pensam para aqueles a quem o assunto se refere. Entretanto, o formato leve e fluido de uma conversa torna a pesquisa de campo mais natural, causando uma quebra no formato de entrevista. A forma casual na qual uma conversa acontece, pode trazer situações e falas inusitadas que acabam sendo de grande importância e agregam muito na pesquisa. Uma vez que um diálogo se estabelece, ele pode seguir por diversos caminhos distintos, não necessariamente abordando apenas tópicos relacionados ao que deu início a essa troca. Muitas vezes, são nesses momentos que as pessoas conseguem se abrir e se permitir falar e chorar, assuntos das quais se privaram uma vida inteira. Quando estamos em uma conversa, não temos a posição do entrevistador e do entrevistado, temos apenas duas pessoas trocando experiências.

A pesquisa através da conversação também se faz importante devido ao fato de que o tema família-escola é algo muito comum e que abrange diversas pessoas. Portanto, é necessário que falar e ouvir sobre tal questão aconteça de forma clara e acessível. Infelizmente, ainda nos dias atuais, nem todas as famílias possuem responsáveis que tiveram acesso a alfabetização, o que dificultaria a participação

dessas pessoas caso a pesquisa se desse de alguma outra maneira que não a conversação.

Busco nesta monografia atingir todos os tipos de famílias, englobando suas diferenças econômicas ou estruturais, possibilitando que todos que se interessem a ler sobre o tema possam ter acesso e compreensão do que o mesmo está tratando. Penso que a escrita formal limita drasticamente quem terá acesso ao conteúdo e como tenho como princípio escrever para os mais diversos públicos buscarei redigir a monografia de forma clara e com um vocabulário acessível. Afinal, o tema em questão engloba diversas pessoas que devem ter o mesmo direito de acesso a esse material.

Por fim, como também trazido pelo autor Ribeiro (2018, p. 13), ao tratar da análise de conversas como forma de pesquisa, estas “páginas estão povoadas de vozes distintas, modos de ver diferentes, pontos de partida e pontos de vista, às vezes, intensamente opostos”. Semelhantemente, buscarei dar voz às falas de cada um dos componentes desse estudo, tendo meus entrevistados como colaboradores e não apenas personagens da minha pesquisa.

Esta teoria de ter os entrevistados como participantes na escrita da pesquisa também é muito estudada e apoiada por autores como Ferraço (2003) em seus estudos para o texto *Eu, caçador de mim*. O autor afirma que “[t]rabalhar com histórias narradas se mostra como uma tentativa de dar visibilidade a esses sujeitos, afirmando-os como *autores\autoras*, também protagonistas dos nossos estudos” (p.171). Dessa forma, a metodologia utilizada é pautada na conversação e as falas proferidas por cada criança, responsável ou professor é de autoria dos mesmos, devendo assim ser mencionada e valorizada da maneira como foi proferida, sem que ocorram alterações.

2 CONVERSANDO COM QUEM ENTENDE DO ASSUNTO

Após apresentar a metodologia escolhida para o desenvolvimento dessa pesquisa, venho com este capítulo dar voz a alguns autores e pesquisadores que estiveram junto comigo nessa caminhada. Foi através de suas escritas que pude refletir e analisar muito do que ainda veremos pela frente. Portanto, antes que leiam as narrativas tecidas com as famílias, disponibilizo aqui falas e pensamentos daqueles que vão nos ajudar na reflexão das conversas realizadas.

2.1 Relação família e educação

O ato de educar começa dentro de nossas casas e se estende para as escolas, tornando-se assim um trabalho que acontece através de uma parceria. Isso faz com que tanto a família, quanto a escola, estejam presentes na função de preparar os jovens para o mundo. Tendo assim papéis a serem realizados em conjunto e também separadamente.

O que ambas as instituições têm em comum é o fato de prepararem os membros jovens para sua inserção futura na sociedade e para o desempenho de funções que possibilitem a continuidade da vida social. Ambas desempenham um papel importante na formação do indivíduo e do futuro cidadão. (SZYMANSKI, 2003, p.216)

Segundo Szymanski (2003), tanto a comunidade familiar quanto a escolar são os primeiros mundos que conhecemos. É dentro desses lugares que iremos aprender a dar os nossos primeiros passos em direção a nossa formação, seja ela acadêmica ou humana. São com essas pessoas que iremos aprender os primeiros conceitos da vida, do reconhecimento das cores à expressão de opinião. Durante uma vida inteira, esses departamentos precisam trabalhar em harmonia, para que se tenha um melhor resultado. Contudo, existem sim funções individuais a serem realizadas por cada um desses personagens nesses ambientes.

A escola, entretanto, tem uma especificidade - a obrigação de ensinar (bem) conteúdos específicos de áreas de saber, escolhidos como sendo fundamentais para a instrução de novas gerações. O problema das crianças de aprenderem fração é da escola. Família nenhuma tem essa obrigação. Por outro lado, professora alguma tem de dar "carinho maternal" para seus alunos. Amor, respeito, confiança, sim, como professora e membro adulto da sociedade. (SZYMANSKI, 2003, p.216)

Por mais que tenhamos ações a serem realizadas apenas por uma das partes, é essencial que exista uma boa relação e comunicação entre essas duas figuras. Tendo em vista que, uma função acaba por muitas vezes complementar a outra e até mesmo precisar do suporte para que determinada questão seja solucionada. Por mais que não caiba a família ensinar conteúdos matemáticos, cabe a mesma participar e se fazer presente na vida escolar de seus filhos. Dando assim, a atenção necessária e suprimindo as partes que não cabe ao professor executar.

Dessa forma, sabemos que para que exista um melhor desenvolvimento da criança, é necessário se ter a ajuda da família ao longo desse processo. Portanto, isso não seria diferente no ambiente escolar. Muitos acreditam que cabe apenas ao professor a função de ensinar, todavia, essa é uma tarefa que precisa acontecer em conjunto com a família dos estudantes. Para que tal movimento aconteça de forma eficaz é importante que exista a participação dos responsáveis dentro do cotidiano escolar dos alunos.

Henderson e Mapp (2002) apresentam em seu texto algumas definições de como se espera que as famílias se envolvam para ajudar na educação de seus filhos dentro e fora da escola. Algumas das definições citadas são:

- Engaging in learning activities at home, including helping with reading skills and checking homework;
- Supervising children and monitoring how they spend their time out of school;
- Talking about school and what children are learning.
- Attending school events, going to parent-teacher conferences, meeting with teachers, and volunteering in the classroom or school. (HANDERSON; MAPP, 2002, p. 22)¹

A partir disso, podemos ver que muitas dessas tarefas acontecem dentro de casa. Entretanto, elas demandam tempo e atenção, tornando necessário que tais famílias se organizem de maneira que seus filhos façam parte de suas rotinas. Não se pode deixar que o trabalho realizado na escola fique apenas na escola. Ao

¹ *Envolver-se em atividades pedagógicas em casa, incluindo ajudar com a leitura e compreensão e checar a lição de casa.
Supervisionar seus filhos e monitorar como eles passam seu tempo fora da escola.
Conversar sobre a escola e o que seus filhos estão aprendendo.
Comparecer aos eventos escolares, ir às reuniões de pais, conversar com os professores, e se voluntariar para ajudar em atividades na sala de aula e escola (tradução nossa)*

pensar em educação, é importante que se entenda a mesma como uma construção que acontece em parceria e que não pode estar limitada a apenas um espaço.

Com isso, se faz necessário que as famílias reconheçam que certas tarefas só podem ser realizadas por elas e que da mesma forma que eles depositam uma confiança na escola de educar seus filhos, a escola deposita neles a esperança de uma participação ativa e de uma parceria ao longo do processo.

2.2 Família e divisão de tarefas

Junto com a chegada de um filho vem as responsabilidades. Criar e educar uma criança não é uma tarefa fácil, demandando assim tempo e dedicação. Para que tal responsabilidade não se torne cansativa apenas para um dos responsáveis, é interessante que ocorra uma divisão das tarefas de casa entre os pais. Tornando assim os atos de criar e cuidar ações vindas de mais de uma pessoa.

Wagner, Predebon, Mosmann e Verza (2005), ao ecoar Gauvin e Huard (1999) e Stright e Bales (2003), apontam que:

educar os filhos sempre foi uma tarefa complexa para os pais, embora isso não signifique que tais responsabilidades sejam compartilhadas de forma igualitária entre o casal. Diversas pesquisas apontam que as mães tendem a envolver-se mais do que os pais nas tarefas do dia-a-dia da criança e, geralmente, estão à frente do planejamento educacional de seus filhos (WAGNER; PREDEBON; MOSMANN; VERZA, 2005, p.68)

Nesse sentido, acaba-se por designar à mulher a função de cuidar da criança. Transformando assim, tal tarefa, algo a ser realizado pela mãe. Contudo, não podemos depositar algo que deveria ser compartilhado entre ambos os responsáveis em cima de apenas uma das partes. Assim como citado anteriormente, as tarefas domésticas deveriam ser divididas para que tornasse a demanda menos cansativa. Todavia, não é dessa maneira que vem acontecendo.

É de conhecimento geral que, na nossa sociedade, existe uma distinção entre o que acredita-se ser “função do homem” e “função da mulher”, não sendo de hoje que as mulheres fiquem destinadas a realizar tarefas diferentes dos homens, sendo uma delas as tarefas relacionadas ao lar. Wagner, Predebon, Mosmann e Verza (2005) citam que “as tarefas domésticas desempenhadas pelos maridos são

percebidas como uma 'ajuda', expressando a isenção deste da responsabilidade no desempenho de tais atividades”.

Dessa forma, a mulher é quem acaba por assumir grande parte das funções domésticas, incluindo a criação e participação na vida dos filhos. Reforçando assim, a visão que a sociedade tem sobre o papel da mulher.

2.3 O papel da mulher para a sociedade

Muito se tem discutido a respeito do que a sociedade considera como papel e dever da mulher. Desde os primórdios da história a mulher carrega o peso de ser vista como um ser destinado a procriar. Ainda quando crianças, é comum ouvirmos pessoas questionarem ou falarem sobre o tema da maternidade conosco. Tornando esse assunto algo que vai acompanhar a mulher durante toda a sua vida. Para César, Loures e Andrade (2019), o termo “maternidade” será escutado, em algum momento da vida, pelas mulheres.

A maternidade é uma questão sobre a qual todas as mulheres, em algum momento de suas vidas, irão refletir. Tanto as mulheres que desejam ser mães como aquelas que não desejam, sofrem algum tipo de cobrança social acerca da maternidade. (CÉSAR; LOURES; ANDRADE, 2019, p.68)

A questão principal que cerca esse tópico é a pressão que o mesmo traz e aplica sobre as mulheres. Com o passar dos anos, foi sendo criado pela sociedade, uma ideia de romantização da maternidade, onde a mulher tem que ser mãe em algum momento de suas vidas. Fazendo com que, a possibilidade das mesmas não quererem tal feito, seja algo recriminado pelas pessoas ao redor.

A partir da romantização da maternidade como realização última da mulher, a sociedade olha com estranhamento para as mulheres que não desejam ter um filho, como se abrir mão na maternidade, fosse abrir mão, também, de uma "essência feminina", tornando-se, por isso, menos mulher. (CÉSAR; LOURES; ANDRADE, 2019, p.71)

Ainda sobre a romantização da maternidade, César, Loures e Andrade (2019), ao ecoar Caporal (2017), afirmam que:

(...) há uma romantização da maternidade enquanto realização da mulher, que desconsidera suas subjetividades e as opressões por elas vivenciadas, para que se dediquem exclusivamente ao(s) filho(s), algo que não é

igualmente cobrado dos homens/pais. Do mesmo modo, mulheres que optam por não terem filhos sofrem com a pressão da maternidade compulsória, encarada como destino natural de todas as mulheres. (CÉSAR; LOURES; ANDRADE, 2019, p.68)

Com isso, surge o que hoje é conhecido como “maternidade compulsória”. O termo nada mais é do que uma referência a um conjunto de situações que fazem a mulher acreditar que o correto, biologicamente falando, para a sua vida é ser mãe. É como se a mulher, desde o seu nascimento, já estivesse sendo preparada para assumir tal responsabilidade.

De acordo com Mello (2017, p.21) *maternidade compulsória é uma busca pessoal por entendimento e compreensão sobre o que é a maternidade no dia a dia, quando não existe facilidade, ajuda ou apoio*. Dessa forma, nos deparamos, mais uma vez, com a situação de que a mulher tem cada vez mais criado, sozinha, seus filhos.

Junto a isso vem toda a problemática que é a forma como a sociedade vê a relação entre pai-filho e a mãe-filho. Parte da população carrega, até os dias de hoje, uma cultura e visão de mundo um tanto quanto retrógrada. Com isso, tem quem acredite que o papel do homem na questão da participação precisa se fazer presente no quesito financeiro. Cabendo ao pai, trabalhar e sustentar a família. Contudo, sabemos que não é só disso que precisamos para formar um cidadão. Portanto, todo o resto acaba por ficar como papel da mulher.

É importante lembrarmos que toda cobrança recai de forma diferente para cada gênero, sendo um muito mais criticado do que o outro. Mello (2017, p.9), ao falar sobre o assunto, afirma que *ninguém está falando sobre o quão problemático é as pessoas acharem normal um pai abandonar o filho, mas quando uma mãe faz isso a história repercute muito mais, vira notícia e até caso de polícia*. Ela diz também que quando um relacionamento termina *a responsabilidade de criação fica inteiramente depositada nas costas da mãe*. (MELLO, 2017, p.8)

Para França e Schimanski (2009), já é considerado perceptível a diferença entre o que se espera do homem e o que se espera da mulher dentro da família.

Fica evidente a sobrecarga de responsabilidades das mulheres em relação aos homens. As mulheres são as principais responsáveis pelas atividades domésticas e pelo cuidado com os filhos e demais familiares, além das suas atividades econômicas. (FRANÇA; SCHIMANSKI, 2009, p.74)

Portanto, falando sobre atividades econômicas, ao se tornar mãe, a mulher acaba por assumir diversos desafios e batalhas. Junto à criança vem a culpa, que a acompanha constantemente, e as futuras decisões que terá que tomar ao longo da vida. De uns anos para cá, temos tido cada vez mais a inserção de mulheres no mercado de trabalho. Todavia, junto a conquista de habitar esse lugar, vem o questionamento de “o que vou fazer com o meu filho?”. Criando assim a ideia de que existe uma decisão a ser tomada entre trabalhar ou cuidar da criança.

Nos dois casos citados, a mulher passa por um processo de culpabilização por parte da sociedade e de si mesma. Ao optar por ser mãe, sente-se culpada, ao continuar a trabalhar e também ao abandonar sua carreira, uma vez que há discursos contraditórios na sociedade que, ao mesmo tempo que esperam que a mulher dê conta de todas as suas tarefas, colocam sobre ela a responsabilidade de ser "mãe em tempo integral". (CÉSAR; LOURES; ANDRADE, 2019, p.71)

Visto isso, não podemos ignorar o fato de que ao longo de sua vida a mulher acaba por se privar de algumas coisas. E no futuro, quando seus filhos já possuem idade e maturidade suficiente para entender todo o processo pelo qual suas mães tiveram que passar para criá-los, o sentimento de culpa pode acabar se tornando uma via de mão dupla.

3 “FILHO (É) DA MÃE!”

O quão delicado é se abrir sobre assuntos que nem sabíamos que nos doíam tanto?

A partir desse capítulo, tratei as falas e os relatos obtidos ao longo das conversas que tive com quatro famílias diferentes, a respeito do quão presentes e participativos os responsáveis se viam e eram vistos (pelos alunos), em relação a vida escolar de seus filhos. Entre essas famílias, encontraremos crianças/adolescentes na faixa etária de 6 a 17 anos.

3.1 Conversa com a família 1: *ser mãe é um emprego que não te dá férias*

Nessa família, o aluno em questão trata-se de um menino de 12 anos que frequenta uma escola particular na zona oeste do Rio de Janeiro. O mesmo mora com a mãe e o pai e possui uma irmã mais velha, por parte de pai, de 30 anos, que atualmente mora na Inglaterra. O meu contato com o caso se deu pelo fato de que os participantes dessa conversa fazem parte da minha família, sendo o menino meu primo e os pais meus tios.

Com isso, o assunto sobre escola surgiu de forma muito fluida e em um dia comum no qual eu me encontrava em sua casa, tendo início a partir de uma reclamação que o menino fez do fato de ter que estudar para uma prova que vinha se aproximando. Aproveitei tal abertura para dar início a um diálogo sobre como ele se sentia em relação à escola, aos estudos e a sua família. Logo de cara vieram muitas críticas e apontamentos a respeito de uma cobrança, dita como rigorosa, vinda de sua mãe em relação aos seus estudos. O menino afirma que sua mãe o cobra muito e vive no site da escola para acompanhar suas notas, “Minha mãe não sai do aplicativo da escola, estou de férias e ela deve estar lá atualizando para ver se mudaram as minhas notas”. Ao lhe questionar sobre uma possível cobrança vinda por parte do seu pai, ele diz que o mesmo não se importa tanto, sendo bem mais legal em relação a essas coisas.

A respeito da presença e ida desses responsáveis ao ambiente escolar, ele diz que sua mãe o deixa e o busca todos os dias na porta da escola, mas que não costuma ir a reuniões com os professores. *Não lembro de já ter visto minha mãe em uma reunião, mas pode ser que ela vá sem eu saber e por isso ela briga tanto*

comigo do nada. Entretanto, o aluno também cita que a própria escola não faz muitas atividades que convidem seus pais para participar. Porém, diz acreditar que mesmo se tivesse algum evento na escola eles não conseguiriam ir, pois iriam ter que desmarcar suas aulas (ambos são *personal trainers*) para poder comparecer.

A conversa deu continuidade e um tópico que foi muito comentado pelo menino é a pouca ajuda que ele se diz receber em relação aos estudos. A todo momento ele cita que precisa de ajuda para estudar, mas que ninguém tem tempo para fazer isso com ele. *Minha mãe ficou de me ajudar mais a estudar, eu não sei fazer isso sozinho*. Tendo como uma de suas principais barreiras o estudo da língua inglesa, ele se diz incapaz de aprender sozinho e afirma que não sente falta de fazer curso do idioma em questão pois, segundo ele, *era muito ruim e não entendia nada do que falavam ali*. As dificuldades com o idioma são citadas a todo momento de forma revoltante, onde o mesmo diz já não ver mais sentido em ter que aprender aquilo tendo em vista que nem sua mãe sabe. *Como eu vou aprender isso? Ninguém me ajuda! Sei que é difícil para a minha mãe estudar inglês comigo porque ela também não sabe*. Ao questionar sobre uma possível ajuda vinda de seu pai em relação a matéria, o menino diz: *meu pai até sabe inglês, mas ele não consegue e não tem paciência para me ajudar*.

Por fim, ao comentar que eu estava escrevendo um texto da faculdade sobre a participação dos pais na vida escolar dos filhos, o menino ri e encerra a conversa dizendo: *vou botar minha mãe para ler sua monografia depois, para ver se ela passa a me ajudar mais*.

Em seguida, tive a oportunidade de conversar com a mãe do aluno acima. Ao começarmos a falar sobre o assunto escola/educação, a mesma já disse se sentir culpada por não ter tanta disponibilidade. Ela afirma: *eu me sinto muito culpada por não ter tempo de estudar com ele*. A partir dessa fala ela também diz que muitas vezes não consegue estudar com o filho por não saber o conteúdo, se sentindo assim incapaz de ajudá-lo.

Quando a conversa chega no tópico notas, a mãe diz não saber mais o que fazer para que ele estude e melhore seu desempenho escolar, citando até que o filho *não quer nada além de jogar vídeo game*. Entretanto, a mesma diz que acha que ele se sai mal na escola pois ela também era assim na idade dele e que então ele deve ter puxado isso dela. Nesse momento, contei um pouco da minha relação com os estudos e como isso se deu na minha infância. Tendo em vista que eu

estudava muito para mim, já que meus pais não pareciam se importar tanto com o meu rendimento. Sobre isso ela disse: *o problema do meu filho é que ele não estuda para tirar uma nota boa, ele estuda para me dizer que estudou e eu tento mostrar para ele que ele tem que fazer isso para ele e não por mim.*

A respeito do pai e de uma possível ajuda do mesmo em relação aos estudos do filho, ela afirma que o marido não é muito presente nesse sentido, mas que não pode reclamar, pois ele trabalha fora o dia todo e não tem tempo. Todavia, ela não deixa de ressaltar que: *é muito difícil ser mãe, a gente toma porrada o tempo inteiro. Ser pai é muito mais fácil!* E antes de finalizar a conversa, ela disse, mais uma vez, como se sente em relação a sua participação na vida escolar do seu filho: *eu me sinto muito culpada de ser ausente, mas minha rotina é cansativa e quando to presente, to sempre sem paciência e querendo matar ele por só saber falar 'mãe', às vezes parece que ele esquece como se fala pai.*

A conversa com o pai foi um pouco mais breve, o mesmo afirmou que não consegue estar por dentro de tudo e que por isso a mãe acaba se envolvendo mais. Porém, disse que se importa muito com os resultados das provas e que seu filho sabe disso.

Após o fim dessa conversa, pude repensar um pouco sobre os pontos levantados pelo jovem e por sua mãe. O mesmo afirma precisar da ajuda dela para estudar, por acreditar que não consegue fazer sozinho, enquanto sua mãe, que trabalha fora, afirma não dar conta de estar presente o tempo todo por conta de seu trabalho e rotina cansativa.

(...) a mulher passa por um processo de culpabilização por parte da sociedade e de si mesma. Ao optar por ser mãe, sente-se culpada, ao continuar a trabalhar e também ao abandonar sua carreira, uma vez que há discursos contraditórios na sociedade que, ao mesmo tempo que esperam que a mulher dê conta de todas as suas tarefas, colocam sobre ela a responsabilidade de ser "mãe em tempo integral".(CÉSAR; LOURES; ANDRADE, 2019, p.71)

Segundo as falas citadas na conversa acima, podemos ver uma culpabilização, por ambas as partes, em relação a essa ausência materna. É possível observarmos que o jovem deposita em sua mãe a função de ajudá-lo nos estudos e quando cita o pai, aceita facilmente a ideia de que o mesmo não tem paciência para ensinar. Deixando assim, essa função para sua mãe. Mulher essa

que já carrega o peso dessa culpa e deposita tudo em suas costas, dizendo que seu filho é do jeito que é por “culpa dela”, por ter “puxado a ela”.

Finalizo essa primeira narrativa com a certeza de que ser mãe e viver a jornada tripla de trabalho, cuidar da casa e da família, é uma das funções mais exaustivas que parece existir. Conversar com essa mãe me fez ter a sensação de que o descanso nunca chega e que a cobrança só aumenta. Ser mãe é um emprego que não te dá férias.

3.2 Conversa com a família 2: esse foi o melhor que eu pude oferecer

A segunda família com quem conversei pertence a uma estudante de 17 anos que está, atualmente, concluindo o seu último ano na escola. A jovem estuda em uma escola internacional, que é a mesma que sua mãe leciona, onde possui uma bolsa de estudos de valor integral. A menina mora com a mãe e o pai em um bairro da zona oeste do Rio de Janeiro. Meu contato com a família aconteceu pois tanto a jovem quanto sua mãe, estuda e lecionada, respectivamente, na mesma escola em que eu trabalho.

O assunto surgiu, em um dia no almoço, quando eu e a aluna em questão estávamos falando sobre profissões e o que a mesma gostaria de fazer no futuro. Logo de cara ela afirmou não querer trabalhar na escola, como sua mãe. Aproveitando a deixa, entramos um pouco na pauta de como é ter sua própria mãe no lugar onde ela estuda. Sobre isso, a menina disse: *eu até gosto de ter minha mãe aqui, isso faz com que eu possa ir na sala dela sempre que preciso de alguma coisa*. Em seguida, ela se diz feliz no ambiente escolar e lembra momentos divertidos que teve com seus amigos e sua mãe juntos: *meus amigos têm uma realidade muito diferente da minha, se minha mãe não trabalhasse aqui acho que eles nunca teriam se conhecido*.

A respeito da presença da mãe na sua vida escolar, a jovem afirma que por já estar ali dentro (da escola), ela sempre acaba sabendo de tudo o que acontece. Entretanto, não costuma pedir reuniões com professores ou cobrar notas altas, exigindo apenas que ela siga as regras da escola. *Minha mãe nunca pôde ir às reuniões, sempre estava dando aula. Meu pai trabalha o dia todo, já estou até acostumada em não ter ele tão perto. Que eu me lembre, quem sempre esteve nas reuniões e apresentações da escola foi a minha avó*.

Por estudar em uma escola particular, que possui um público com uma boa condição financeira, a menina se queixa de não poder frequentar os mesmos lugares que seus amigos e declara que, por muitas vezes, já culpou sua mãe por ter que estudar ali. Sobre isso, ela afirma: *às vezes eu não gosto de estudar aqui. Meus amigos sempre marcam de ir para lugares caros que meus pais não podem pagar e aí eu tenho que ficar em casa. Uma vez eu falei para minha mãe que se eu estudava nessa escola era só porque ela queria, e que se dependesse só de mim eu estaria num lugar com gente pobre que nem eu.*

Voltando a falar do futuro e do que quer ser, ela diz que a mãe gostaria muito que ela fosse médica, mas ela não se sente capaz de passar para uma faculdade pública e diz ser impossível arcar com o custo de uma particular. Por fim, a menina afirma que talvez sua vida escolar tivesse sido mais fácil se estudasse em uma escola brasileira. Pois assim, poderia ter tido ajuda de mais gente nos seus estudos e não dependeria apenas de sua mãe, que é a única da família que fala inglês.

Dias depois eu tive a oportunidade de conversar com a mãe da estudante acima, que também é minha colega de trabalho. A mesma disse ter que criar a filha praticamente sozinha: *eu sempre eduquei sozinha. No quesito educação meu marido é um frouxo, não se dispõe e não resolve nada.* A mãe da aluna também afirmou que acredita ter dado boas oportunidades para a filha a colocando para estudar ali, mas entende as reclamações da filha: *infelizmente não tenho as mesmas condições que as mães da escola, nunca pude ir para os encontros com as outras mães, de amigas dela, pois os eventos são sempre em lugares caríssimos. Eu entendo quando ela diz que não tem amigos da realidade dela, mas esse foi o melhor que pude oferecer. Sem contar que aqui é onde eu trabalho, se ela não estudasse aqui, como eu levaria e buscaria na escola?,* se questiona a mãe da jovem.

A conversa termina com ela dizendo que gostaria muito que a filha fosse médica, pois talvez assim ela pudesse ter a realidade que sempre quis ter, igual a dos amigos com quem cresceu.

Infelizmente, não consegui contato com o pai da aluna e acabei obtendo apenas o ponto de vista da filha e da mãe. Entretanto, com o pouco que pude conversar com ambas, foi possível perceber que por mais que a menina culpe a mãe por ter tido que conviver com pessoas de realidades distintas da dela, ela

também se mostra grata pela oportunidade. Em contrapartida, a mãe aponta que a escolha de ter a filha ali, foi por acreditar ser o melhor para a menina e pela facilidade de ter a jovem estudando no mesmo lugar que ela trabalha. Tendo em vista que, a mesma é quem tem que dar conta de cuidar da filha.

(...)a maternidade também sofre com a violência do machismo, que se traduz principalmente na sobrecarga de tarefas relacionadas à criação dos filhos nos ombros das mulheres, enquanto os homens não parecem ter essa obrigação na sociedade em que vivemos. (MELLO, 2017, p.8)

Ao falar da participação do marido, a mulher conta que ele não se faz muito presente na parte de educar a filha. Deixando assim, recair sobre ela, o papel de cuidar e criar a menina. Conhecendo, de perto, a escola que a família cita ao longo da conversa, me solidarizei com o lado da menina que se diz sozinha em meio a pessoas de outras classes sociais. Entretanto, vendo a luta diária dessa mãe de manter sua filha ali e proporcionar, dentro do possível, todas as experiências que o local oferece, não poderia deixar de enaltecer a força dessa mulher, que mesmo com todo o peso que carrega nas costas, está formando uma filha com o suor do seu trabalho.

3.3 Conversa com a família 3: *sou mãe 24h*

A terceira família com quem tive a oportunidade de conversar era composta por dois irmãos, um com 13 e o outro 6 anos. Ambos moram com seus pais e eu pude conhecê-los através de um almoço com amigos da minha mãe.

Meu primeiro contato foi com os meninos e assim que começamos a conversar o irmão mais velho já deixou bem claro que adora ter os pais na escola e diz o quanto isso o motiva, fazendo com que ele acabe por se dedicar mais dentro do ambiente escolar. Ele disse: *gosto que meus pais estejam na reunião para ver que realmente sou um bom aluno e para que acreditem nisso. Tento sempre me sair bem nas provas para eles escutarem coisas boas sobre mim dos meus professores.*

Sobre a frequência de seus pais dentro da escola, o aluno diz que sua mãe vive lá dentro, principalmente por ele ter um irmão mais novo. Conta também que seu pai só aparece nos eventos de dia dos pais, pois geralmente está viajando. Em seguida, ele também afirma que sua mãe é quem cobra mais quando o assunto é

estudo: *minha mãe vive no meu pé, quando eu chego em casa ela só me dá tempo para tomar banho e almoçar antes de fazer o dever.*

Com o decorrer da conversa o jovem mostrou se cobrar muito em relação aos seus próprios resultados, ressaltando que, por mais que não verbalizem, ele acredita que seus pais acreditam muito no potencial dele: *eu acho que meus pais sabem que eu sou capaz, mas eu tento tirar nota boa para eu realmente acreditar que sou.*

Ao tentar conversar com o filho mais novo da família, acabei tendo pouca atenção do pequeno. Todavia, o mesmo afirmou ficar muito feliz de ver sua mãe na escola: *o melhor dia é quando vejo minha mãe na escola, meus amigos gostam dela,* conta empolgado.

A conversa com os pais surgiu a partir de uma situação onde outros adultos também estavam presentes na roda. Logo de cara o pai deixou claro que não possui tempo para se preocupar com esse tipo de coisa. *Como eu nunca tô no Rio, acabo não tendo muito tempo para esses assuntos da escola. Quando estou em casa quero passar momentos felizes e divertidos com os meus filhos,* afirma rindo.

Do outro lado, a mãe se diz presente em todos os momentos da rotina de seus filhos. *Eu sou muito presente, faço tudo que posso. Levo e busco meus filhos todos os dias na escola, vivo em função deles, sou mãe 24h,* explica a mulher que também diz ter deixado de trabalhar para viver a maternidade em tempo integral: *eu amava o meu trabalho, mas tive que escolher, não dava tempo de fazer tudo.*

Tento ao máximo fazer o mesmo pelos meus dois filhos, não quero que um ache que é o preferido, diz a mãe de maneira preocupada. A mesma afirma que em alguns momentos tem medo de estar errando com os meninos, principalmente na cobrança em relação a resultados: *eu não comparo meu filho com os amigos, tento apenas mostrar para ele que se os outros conseguem boas notas ele também pode tirar, pois é tão inteligente quanto os outros.* A mulher também diz entender que os resultados em provas podem variar de acordo com o emocional da criança e por isso tenta sempre tranquilizá-los de que nota não define conhecimento.

A conversa com essa família acabou sendo breve, porém muito marcante. É importante ressaltarmos o momento em que a mãe me disse que abriu mão de seu trabalho e que hoje é “mãe 24h”. Nessa situação podemos ver que, mais uma vez, a mulher ficou encarregada da função de criar os filhos e acabou por abdicar de algo que gostava de fazer para poder se dedicar 100% às crianças. Afinal, como citado

por seu marido, ele nem sempre se encontra no Rio de Janeiro, o que dificulta o compartilhamento das tarefas domésticas.

A educação dos filhos é tarefa complexa para os pais, porém a mulher acumulava sozinha essa função. Diversas fontes apresentam as mães mais envolvidas do que os pais nas tarefas do dia-a-dia da criança e no acompanhamento educacional dos filhos. (COSTA; AMBROSIO, 2010, p.6)

Ao conversar com essa mãe, acabei tendo uma sensação de que a mesma busca amar e aceitar diariamente a sua rotina. É visível a forma como ela se dedica a viver a maternidade e faz isso com gosto. Todavia, a saudade de trabalhar com o que gosta também se fez presente em suas palavras.

3.4 Conversa com a família 4: lágrimas de culpa ou de vergonha?

Na quarta, e última, família com quem falei tive a chance de conhecer um pouco mais da história de uma jovem de 11 anos e das suas percepções e vivências em relação ao tópico abordado na pesquisa. A menina mora com seu pai, sua mãe e sua irmã mais velha de 16 anos. Conheço a família há alguns anos e tudo aconteceu através do meu pai, que é professor particular da filha mais velha e que acabou por me apresentar para a menina ainda quando pequenas.

A conversa se deu durante o intervalo de uma aula particular em que acompanhei meu pai, onde eu e a filha mais velha acabamos por entrar no assunto escola e vestibular. Com isso, tive a oportunidade de falar com a mesma sobre seus pais e como ela estava sentindo a relação deles com sua vida escolar. A jovem afirma que eles sempre cobraram muito, porém que agora estão dando um tempo: *acho que eles veem o estresse que eu estou passando por conta do ENEM. Isso está fazendo eles saírem do meu pé, comenta a menina.*

Ao falarmos da sua irmã mais nova, a menina diz que com ela a situação está diferente. *Minha irmã está passando por vários problemas e minha mãe não está sabendo lidar muito bem. Eu fico tentando ajudar, mas minha mãe não me escuta*, disse ela. Em seguida, a menina me disse para conversar com sua irmã e ver o que a mesma teria a dizer sobre o assunto.

A conversa com a mais nova foi um pouco mais difícil. A menina em questão vem passando por momentos difíceis em relação à crise de identidade e problemas

emocionais. Contudo, o assunto “escola” surgiu por parte da mesma que estava aflita com a proximidade da reunião de pais e professores. *Não quero que minha mãe vá na escola, ela vai reclamar muito de tudo que vai ouvir*, afirma a menina. Ao longo da conversa, pude contar um pouco mais sobre a minha experiência como adolescente e como senti falta de ter meus pais indo à escola. Sem se deixar abalar, ela enfatizou mais uma vez que: *eu odeio ser adolescente, tudo é mais difícil, estou vivendo um inferno*.

Quando o assunto se tornou cobranças e notas a jovem disse que na sua casa tudo acontece a partir de comparações. Ela relata que para os seus pais a média dentro de casa, nota que eles aceitam, é bem maior do que a estabelecida pela própria escola. *Ela me cobra muito, meu pai também, mas a minha mãe é quem enche mais o saco. Agora eles inventaram que a média aqui de casa é oito*, conta a jovem de forma contrariada.

Nessa família pude ter uma conversa com o pai primeiramente. O mesmo se mostrou muito interessado nos estudos da filha e disse que talvez a cobre um pouco além do necessário. Segundo ele: *eu fui criado de uma maneira diferente, eu não tinha os luxos que elas têm hoje em dia. Elas têm tudo que pedem, a única coisa que eu exijo delas são boas notas*. Ao comentarmos sobre ir a reuniões ou atividades escolares, ele afirma que é complicado conciliar o trabalho com os horários da escola e por isso não consegue se fazer presente: *na pandemia, que era tudo on-line, era mais fácil de participar. Hoje em dia tá impossível*.

Por último, a mãe das jovens, que se manteve calada durante grande parte da conversa com o pai, perguntou se podíamos conversar a sós. Ao darmos continuidade ao assunto, agora só nós duas, a mulher começou a chorar dizendo: *não sei mais o que fazer para ajudar minha filha, sei que ela não está bem e não consigo ajudar*, disse se referindo à filha mais nova. A mãe conta que, com o passar dos anos, a jovem vem se fechando cada vez mais e que sempre que pode relembra a mãe que não a quer dentro da escola. *Eu queria participar mais, queria ir lá, mas tenho medo de invadir o espaço dela. Não posso afastá-la mais ainda*, se explica.

A mãe relata que as notas da filha são boas e quanto a isso não precisa se preocupar. Porém, ela também diz que a menina não conta para ela sobre os eventos da escola e que por isso ela nunca sabe o que está acontecendo. A conversa aconteceu de forma pesada e complicada, a mãe em questão aproveitou

para desabafar sobre muito do que a mesma carrega dentro de si e aparenta não estar mais dando conta. A mulher também diz se cobrar muito por saber que, a filha, tenta fazer o possível para agradar ela, mãe, e por achar que não está sendo o suficiente ela acaba se auto machucando ainda mais. *Ela sabe que as atitudes dela não me agradam e eu sei que os filhos querem agradar os pais. Mas eu nunca vou deixar ela, ela sempre vai ter o meu amor. Eu só preciso aprender a lidar com ela. Preciso que ela fale comigo*, confessa chorando.

Antes do final da conversa, a mãe da menina afirmou que vai continuar tentando se aproximar da filha, seja pela escola ou por conversas sobre a vida. *Eu não quero que a minha filha deixe de ser o que é por minha causa, estou trabalhando muita coisa dentro de mim e vou seguir tentando ajudá-la da forma que ela me permitir*, finaliza o assunto.

Essa foi a última conversa que realizei para esse estudo e posso afirmar que foi uma das mais difíceis. Ao ver essa mulher/mãe chorar na minha frente por se sentir fraca e incapaz, uma parte de mim se quebrou. A narrativa dessa família me fez ver como essas pessoas acabam por esquecer que antes de serem mães, elas são humanas. Pude sentir a dor e a vergonha dessa mulher de admitir que não sabia o que fazer através do seus olhos marejados, através do seu pedido baixo de conversar comigo em particular, longe da visão dos outros. Foi nesse momento que vi que essas mulheres não carregam apenas culpa, elas também carregam a vergonha de terem se sentido culpadas.

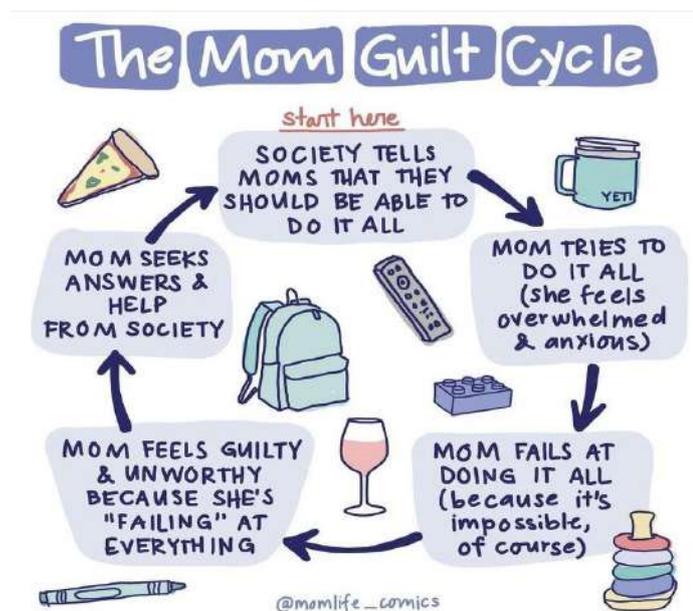
4 O PESO DE SER MULHER JUNTAMENTE AO DE SER MÃE

A presença da mulher na sociedade está nos mínimos detalhes. Portanto, sorte daqueles que tem uma por perto.

Ao analisarmos as conversas apresentadas no capítulo anterior, que já traz como título uma expressão muito utilizada popularmente “Filho (é) da mãe!”, podemos perceber o quanto a figura materna é citada em diversos momentos, tornando-se até um dos personagens de maior destaque nas falas dos alunos com os quais conversei. Grande parte das conversas acabou seguindo por um caminho onde essa mulher, mãe, acaba sendo apontada como o problema e a solução para diversas situações.

Muito se pode dizer também a respeito do peso e da culpa que essas mulheres vem depositando em si mesmas, tópico esse que foi citado por muitas mães ao longo de suas falas. Para melhor explicar essa culpa, trago a charge da Mary Catherine, ela é uma ilustradora norte-americana que tenta, através de sua arte, mostrar um pouco melhor como funciona esse sentimento e o quanto ele pode acabar se tornando cíclico.

2



² O ciclo de culpa materno: comece aqui - a sociedade diz que as mães têm que ser capazes de fazer tudo > a mãe tenta fazer tudo (ela se sente sobrecarregada e ansiosa) > a mãe falha em fazer tudo (porque é impossível, óbvio) > a mãe se sente culpada e sem valor porque “falha” em tudo > a mãe procura respostas e ajuda da sociedade. (tradução nossa)

Em suas ilustrações, a artista traz, de forma lúdica, muito daquilo que foi abordado ao longo das conversas. Através das imagens, conseguimos visualizar de forma clara o peso que a sociedade deposita em cima da figura materna e que conseqüentemente, tais mulheres tomam para si as responsabilidades e erros de atos que não deveriam estar sendo realizados apenas por uma pessoa.

A partir das pesquisas de França e Schumanski (2009), as autoras apresentam que:

Na percepção das mulheres participantes da pesquisa, a ausência no cuidado dos filhos tende a gerar uma situação de abandono e descuido dos mesmos. Para elas, na concepção da sociedade, isto ocasiona uma educação insuficiente e uma situação social problemática. Sendo assim, a mulher acaba por interiorizar tal ideologia, a qual coloca sobre ela toda a responsabilidade no cuidado com os filhos, e quando sente que não está cumprindo adequadamente com a sua função social, ela passa a se cobrar, os filhos cobram e a sociedade também cobra. (FRANÇA; SCHUMANSKI, 2009, p. 75)

É de suma importância ressaltar a maneira como a figura paterna é descrita pelos alunos com quem pude conversar. Muitos citaram os pais como os que não se importam com as notas ou não se fazem muito presentes. Porém, as falas não ocorreram de maneira negativa em relação a essas ações, mas sim como algo bom, como se o fato de não se importarem e cobrarem tanto os tornassem mais legais.

De contrapartida, temos como discurso geral, a presença de uma figura feminina que aparece constantemente como envolvida nos assuntos relacionados à escola e a educação. Independente da faixa etária, todos os alunos citaram a mãe como a pessoa que mais se faz presente nas situações tratadas nesta pesquisa.

Podemos ver assim, que a mulher é quem mais aparece como a figura presente e conseqüentemente também acaba sendo relacionada a parte ruim, que é a de quem cobra resultado e aplica conseqüências. Enquanto o homem, por mais que seja citado como ausente, ainda é visto com a figura legal e compreensiva. Todo esse pensamento, vem junto com uma construção social e com a visão que a própria sociedade tem da paternidade e de suas funções dentro da família. Funções que são realizadas por ambas as partes, são vistas de maneiras distintas pelos olhos da nossa sociedade, que mesmo com o passar dos séculos, ainda menospreza o trabalho da mulher em todas as áreas.

Através de mais algumas ilustrações de Mary Catherine, é possível termos uma ideia de como as mesmas funções podem ser vistas de formas diferentes quando realizadas pelo pai e pela mãe.



Nestas simples comparações, podemos observar como tais julgamentos direcionados a essas mães acontecem nos pequenos detalhes. É através de situações comuns do dia a dia que a mulher é apontada como quem faz menos ou como quem não se doa o suficiente. Tarefas comuns, que deveriam ser realizadas por ambas as partes, mas que quando acontecem são vistas de formas distintas a partir do gênero de quem as realiza.

Com isso, fica aqui o seguinte questionamento: por que ao vemos um pai cuidar de seus filhos achamos tal atitude admirável sendo que quando é uma mulher nesse lugar não nos surpreendemos?

Em relação ao capítulo anterior, como citado anteriormente, as mulheres/mães com quem pude conversar tiveram como ponto em comum as falas relacionadas à culpa que carregam por achar que não fazem o suficiente ou por medo de estarem errando. É interessante ressaltar, que grande parte reconhece o fato de que carrega, sozinha, a responsabilidade de cuidar e educar os filhos. Acreditando até que essa seja sim uma tarefa e um papel a ser realizado pela mulher.

Por fim, é importante observar algo que todas as famílias deixaram evidente e até verbalizaram, que é a falta de diálogo entre os pais e os filhos. Muitas questões que os estudantes pensam a respeito dos pais é exatamente igual a que os responsáveis pensam sobre seus filhos. Muito da culpa que essas mães afirmam carregar poderia ser sanada, em parte, se houvesse um diálogo entre a família. Sabe-se que tal pressão não vem apenas das crianças e do que pensam, mas sim de uma sociedade opressora e irreduzível. Todavia, ao estabelecermos uma boa

³ Pai presente / Mãe desatenta.

⁴ Pai legal / Mãe preguiçosa.

⁵ Pai participativo / Mãe que trabalha.

relação dentro de nossas casas a respeito do assunto, muito dessa culpa que as mulheres sentem e da falta dos pais que os alunos dizem perceber, poderia vir a ser amenizada.

Dessa forma, posso dizer que foi através das conversas que tive com cada uma das famílias presentes nesse documento, que pude chegar até aqui. E é através de conversa que muitos conflitos são resolvidos. Sabemos que, infelizmente, muito do peso e dessa culpa que está sendo falada não será sanada da noite para o dia. Tendo em vista que, tudo isso nada mais é do que um acúmulo histórico do que as mulheres já sofrem a séculos.

Contudo, para que se possa ir desatando os nós do problema um de cada vez, podemos começar através desse diálogo dentro de nossas casas. Muito do que foi falado nas conversas, deveria ser direcionado às próprias pessoas a quem se referiam. As mulheres com quem conversei, precisam se abrir com os seus filhos sobre como se sentem, assim como esses jovens deveriam apresentar aos seus familiares seus questionamentos e angústias.

Concluo essa análise, certa de que a mulher é sim vista como culpada de coisas que a mesma não deveria ser. E também com a certeza de que a falta de comunicação entre as pessoas de uma família tem implicado cada vez mais no aumento dessa culpabilização.

5 PRESENTE DE TER UMA MÃE QUE SE FAZ PRESENTE

Ser mulher nada mais é do que ter que ser forte todos os dias. Agora ser mulher dentro de uma sociedade que só te aponta erros, é ser forte e ainda ter que provar para si mesma que é capaz.

É importante que todas as pessoas entendam, e consigam ver de fora, o movimento recorrente que acontece no ciclo de culpa da mulher. Através dessa pesquisa, convido a todos os leitores a se colocarem no lugar dessas mães e ver o quão difícil é ser julgado e apontado por pessoas de dentro e de fora das suas casas.

Já está tão enraizado na nossa sociedade todas as coisas que foram citadas ao longo desse documento, que ao lermos e refletirmos sobre acabamos por nos pegar surpresos com coisas que já nem percebemos mais. Infelizmente, já se tornou comum associar a criação de um filho à figura da mulher. Para muitos já é normal afirmar que seremos mães um dia devido ao fato de que nascemos com o gênero feminino. Em pleno século XXI as amarras e afirmações ainda são as mesmas dos séculos passados.

Termino esse estudo ciente de que nem todos os homens se fazem ausentes na educação de seus filhos, mas com a certeza de que aqueles que se fazem são menos julgados do que as mulheres que se dedicam à maternidade vinte e quatro horas por dia.

Ter um filho é tomar para si uma responsabilidade eterna, é se fazer presente mesmo quando tudo que se queria ter era uma noite completa de sono. Ter um filho também engloba participar, não só da criação, mas da educação que se é dada na escola. Ter um filho não é aparecer apenas nas comemorações de dia dos pais, mas ser pai/mãe todo dia. Ter um filho é saber que a partir dali as tarefas serão dobradas, mas que poderão sim ser divididas igualmente.

Se fazer presente é o maior presente que podemos dar a alguém. Tendo em vista que, nosso tempo é o bem mais valioso que carregamos. Dessa forma, isso não poderia ser diferente no âmbito da educação. Estarmos ali para as nossas crianças, muitas vezes é o incentivo que falta para que elas se joguem em um mundo de conquistas. Ou até mesmo para que elas acreditem que são capazes.

Portanto, deixo aqui o meu último convite a você leitor. Participe da vida de seus filhos, se faça presente, vá à escola e pergunte sobre, mostre que se importa, tenho a certeza que a recompensa virá. E lembre-se que ao falar de recompensa não falo apenas de notas e resultados. Mas sim de gestos de carinho e reconhecimento. Garanto que um “muito obrigada por vir me ver” seguido de um sorriso após uma apresentação da escola, vai ser muito mais reconfortante do que uma nota dez em silêncio.

Para os jovens que leram até aqui, peço que abracem os pais de vocês, falem com eles sobre tudo o que sentem, se for preciso peça para que se façam mais presentes, mas busquem também ouvir e entender o que eles têm a dizer. Para finalizar, se for possível tirem um tempinho do seu dia e olhem a mãe de vocês, e que nesse olhar vocês consigam reconhecer todo o esforço que as mesmas fazem todos dias. Pois mesmo quando nós não estamos culpando-as por nada, elas mesmas acabam fazendo isso. As vezes de forma involuntária ou através da pressão social aplicada sobre si.

Concluo essa pesquisa convicta de que ter uma família presente é uma dádiva, mas após perceber o peso duplo que é ser a mãe dentro da família e não se deixar desistir em momento nenhum, finalizo certa de que é um presente ainda maior ter uma mãe que se faz presente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de.(orgs.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes e saberes**. Petrópolis: DPetAlli, 2008.

CAPORAL, B. R. et.al. **Romantização da maternidade: reflexões sobre gênero**. XXII Seminário Institucional de Ensino Pesquisa e Extensão [Anais],2017.Disponível em:<https://home.unicruz.edu.br/seminario/anais/anais.pdf> Acesso em 16 set. 2019.

CÉSAR, R.C.B; LOURES, A.F.; ANDRADE, B.B.S. **A romantização da maternidade e a culpabilização da mulher**. Revista Mosaico 2019 Jul./Dez.; 10 (2): SUPLEMENTO 68-75

COSTA, I. H.; AMBROSIO, V. de O. **As transformações no papel da mulher na contemporaneidade**. 2010. 16 p. TCCP (Pós-graduação em Saúde Mental e Intervenção Psicossocial) Universidade Vale do Rio Doce, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Governador Valadares, MG, 2010.

FRANÇA, A. L. de, & SCHIMANSKI, Édina. (2009). **Mulher, trabalho e família: uma análise sobre a dupla jornada feminina e seus reflexos no âmbito familiar (Women, work and family: analysing feminine work and its consequences to family affairs)** DOI: <http://dx.doi.org/10.5212/Emancipacao.v.9i1.065078>. Emancipação, 9(1). Recuperado de <https://revistas.uepg.br/index.php/emancipacao/article/view/687>

FERRAÇO, Carlos Eduardo. Eu, caçador de mim. In: GARCIA, R.L. (Org.). **Método: pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GAUVIN, M. & HUARD, D. R. (1999). **Family interaction, parenting style, and the development of planning: A longitudinal analysis using archival data**. Journal of Family Psychology, 13(1), 75- 92.

HENDERSON, A.; MAPP, K. **A new wave of evidence: the impact of school, family and community connections on student achievement**. Austin: SEDL, 2002.

https://instagram.com/momlife_comics?igshid=ODBkMDk1MTU=

MELLO, Caroline Balduci de. **Maternidade compulsória: uma revisão do que significa a maternidade sob o ponto de vista do feminismo**. 2017. [31] p. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Comunicação Social-Jornalismo) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2017. Available at: <<http://hdl.handle.net/11449/155718>>.

RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (Org.). **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

STRIGHT, A. D. & BALES, S. S. (2003). **Coparenting quality: Contributions of child and parent characteristics**. Family Relations, 52(3), 232-240.

SZYMANZKI, Heloisa. **A relação família/escola: desafios e perspectivas**. 1ª reimpressão. Brasília, Plano Editora: 2003.

VIEIRA, Juliana; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. **Pesquisa formação narrativa (auto)biográfica e a escrita de cartas como modo de dizer-ser**. Crítica Educativa, Sorocaba/SP, ano 2020, v. 6, p. 01-17, 31 dez. 2020. DOI 10.22476/revcted.v6.486. Disponível em: <https://www.criticaeducativa.ufscar.br/>. Acesso em: 11 jul. 2022.

WAGNER, Adriana; PREDEBON, Juliana; MOSMANN, Clarisse; VERZA, Fabiana. **Compartilhar Tarefas? Papéis e Funções de Pai e Mãe na Família Contemporânea**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Mai-Ago 2005, Vol. 21 n. 2, pp. 181-186. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722005000200008&lang=pt. Acessado em: 08 de setembro de 2010.

YANG, Charles D. 2006. The Infinite Gift : **How Children Learn and Unlearn the Languages of the World**. New York: Scribner